

Desafinados

William de Oliveira

A música, como qualquer manifestação artística, revela o seu próprio tempo. Ela é espelho de uma geração, de uma cultura, de uma fase na história de uma comunidade.

Basta observarmos a própria música popular brasileira e teremos aí o reflexo disso: a bossa-nova, o iê-iê-iê, a tropicália, o samba-canção, o chorinho, as músicas de contestação, de revolução, todas estas fases musicais eram identificadas na própria sociedade, na maneira de pensar, de se vestir, até mesmo espelho em questões políticas e econômicas.

Se é assim, o que a música brasileira atual tem a ver com os padrões de comportamento da sociedade?

De algum tempo para cá, se não nos enganamos, da década de 90 para os dias atuais, a música popular em nosso país foi dominada pelo sertanejo, pelo axé, pelo pagode, pelo funk e pelo rap.

Saíram de cena, o bom rock nacional, a bossa-nova, a MPB, representada por Caetano, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil e tantos outros.

Entraram “as cachorra”, o bonde do tigrão, o sertanejo que não fala mais da vida no campo e sim dos amores urbanos, o pagode da mesmice, o axé sem compromisso, o funk da bundinha, na boquinha da garrafa, e por aí afora...

Tudo isto apoiado pela indústria a quem interessa o descartável, o sofrível.

Infelizmente, ao nosso ver, perdeu-se muito na qualidade e avançou-se muito na quantidade de gosto duvidoso.

Já não vemos mais letras bem elaboradas, arranjos bem feitos, interpretações de puro sentimento.

Poderão até dizer que estamos sendo saudosistas e preconceituosos, mas, uma coisa é certa: se a música é reflexo de nosso tempo, quanta pobreza, quanto desalento, perda de valores e falta de criatividade estamos vivendo!

Se a música traduz uma sociedade, atualmente estamos todos muito desafinados.

(Wiliam de Oliveira é jornalista, professor no Unifae nos cursos de jornalismo, publicidade e propaganda e administração e autor do livro “Editoriais do Hora da Verdade & outros textos fora de hora”)